

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

POLÍTICA FASCISTA E ACÇÃO DEMOCRÁTICA

RESISTÊNCIA ACTIVA

contra o aumento do custo de vida

As previsões do Partido Comunista Português de que o «imposto de transacções» decretado por Salazar iria provocar em cadeia aumentos sucessivos dos géneros de primeira necessidade, confirmaram-se. Já nem mesmo apanhados do regime se atrevem a negar que o aumento constante do custo de vida é um facto, embora falsifiquem os números numa vã tentativa de adocarem a pilula e de travarem a luta dos trabalhadores por aumento geral de salários.

Os preços dos artigos de primeira necessidade sobem em flecha

Certos artigos de primeira necessidade como, por exemplo, a carne, o peixe e os ovos, sobem constantemente de preço. A carne de vaca para cozer passou de 28\$00 para 30\$00, enquanto a carne para bife e assar possuiu rapidamente de 40\$00—42\$00 para 44\$00—46\$00 e

mesmo para 50\$00 o quilo; a de carneiro de inferior qualidade de 28\$00 para 30\$00 e de 33\$00 para 35\$00 a de melhor qualidade; as costeletas de porco em menos de um mês galgaram, em certas localidades, dos 40\$00 para os 44\$00 e 46\$00. Os ovos parecem ter asas, voaram em pouco tempo de 14\$00 para 18\$00 e 20\$00 a dúzia. O bacalhau de melhor qualidade, que era tabelado a 20\$00, já se vende abertamente a 27\$00 a pretexto de ser de qualidade superior. Os preços tabelados servem apenas para o governo fabricar as suas estatísticas pois, bacalhau de 12\$80 e de 15\$60 é vendido ao público a 20\$00 e o de 20\$00 chega a ser vendido a 35\$00! A pescada grande já se alcandorou nos 60\$00, o robalo de 20\$00 e 22\$00 galgou para os 26\$00, pescadas pequenas, dos 16\$00, 18\$00 e 20\$00 passaram para 22\$00, 24\$00 e 26\$00, o goraz galgou de 16\$00 para 20\$00 o quilo.

A fruta passou a ser um autêntico artigo de luxo. Maças raquíticas e bichosas, que em certas regiões só se dão aos porcos, são vendidas entre 6\$00 e 10\$00 o quilo e as de média qualidade custam entre 12\$00 e 17\$00 o quilo—isto em plena estação da fruta. Também os legumes verdes e hortaliças atingem preços quase proibitivos para as bolsas dos trabalhadores.

Oficialmente, o arroz de 8\$80 e 9\$00 é aumentado \$40 em quilo e o de 7\$70, 7\$90, 7\$00 e 7\$20 é au-

(continua na pág. 2)

Na recente entrevista concedida ao jornal francês «Figaro», Salazar exprime as linhas fundamentais da sua política no momento presente: prosseguimento da guerra colonial; política externa que contribui para o agravamento da tensão internacional e compromete a soberania da Nação; sujeição aos monopólios capitalistas e ao imperialismo estrangeiro; defesa dos princípios e das instituições do estado fascista, que priva de liberdade e de pão o povo português e nega aos democratas a participação activa na vida pública e o direito de se organizarem livremente.

As coordenadas da política fascista não se alteraram. O regime mantém a sua velha estrutura.

Cabe às forças democráticas e ao povo português destruir a ordem fascista e instaurar a Democracia.

UMA GUERRA EM DEFESA

DOS MONOPÓLIOS

Na citada entrevista, Salazar assinala a hostilidade crescente, à escala do mundo, contra a sua política colonial.

«Somos acusados — afirma ele — de não ver com exactidão o que se passa em África, embora cada acontecimento nos dê razão.»

A que «razão» alude Salazar? Ele alude à «razão» dos monopólios capitalistas e do imperialismo estrangeiro, que estão na origem da guerra colonial.

Mas o regime fascista não faz apenas a guerra em defesa dos monopólios. Cede a estes novas fontes de enriquecimento nas colónias e subsidia-os largamente com os dinheiros do Estado, para que delas tirem o maior proveito.

Em Setembro último, o «ministério do Ultramar» foi autorizado a contrair um empréstimo de 30 mil contos para financiar a Companhia de Pesca e Congelação de Cabo Verde, onde os capitalistas alemães têm larga parte.

Em Moçambique, a C^a da Zambézia, C^a Carbonifera de Moçambique, C^a Mineira do Alto Ligonha, Mozambique Gulf Oil e outras empresas, onde abundam capitais estrangeiros foram largamente subsidiadas, nos últimos tempos, com dinheiros do Estado.

Quem explora as riquezas das

(continua na pág. 4)

UMA GRANDE BATALHA A TRAVAR POR TODO O PARTIDO

Debruçando-se de uma forma crítica e auto-crítica sobre os problemas da vida interna e do desenvolvimento do Partido, o Comité Central, na sua reunião de Agosto, resolveu expor a todo o Partido graves dificuldades e debilidades verificadas na actividade partidária.

Não se trata de questões de importância secundária, relativas a um ou outro sector do Partido. Trata-se sim de questões de importância central, que respeitam ao Partido no seu conjunto, de cuja justa resolução ou continuação indesejável depende que o Partido esteja ou não esteja em condições de cumprir as suas tarefas políticas.

Quando o Comité Central diz ao Partido que a direcção se tem distanciado da base e esta da classe operária e das massas; que as energias dos organismos estão absorvidas pelas preocupações de defesa e problemas internos; que têm enfraquecido a iniciativa política e o papel directivo do Partido nas lutas de massas; que há palavras de ordem que são elaboradas de forma abstracta sem correspondência com a situação real; que existe o perigo de novos golpes da repressão;—isto significa que se trata duma grave situação que se deve encarar de frente, com realismo, com coragem, com determinação.

Quando o Comité Central aponta entre outras causas das dificuldades e debilidades existentes a não aplicação na actividade prática da orientação estabelecida, uma certa generalização da indisciplina, erros na política de quadros, um defeituoso estilo de trabalho caracterizado pelo burocratismo e a rotina;—isto significa que será necessária uma grande batalha de todo o Partido para vencer tendências negativas, hábitos e viciações bastante generalizadas.

O Partido não aceitará que depois de o Comité Central ter exposto tão claramente a situação e ter feito um apelo aos militantes, a burocracia e a rotina abafem ou reduzam a um incidente as conclusões do próprio Comité Central e impeçam ou desanimem de facto o esforço conjunto do Partido para vencer as dificuldades apontadas.

Haverá camaradas que consideram a reunião de Agosto do C.C. como «mais uma reunião», de que se lê o comunicado, de que se fala por obrigação uma ou duas vezes, mas que depois rapidamente se esquece como outras reuniões e outras resoluções têm sido esquecidas. A esses camaradas, há que dizer muito seriamente: As coisas não se passarão assim! E não se passarão assim, porque é a vida, a actividade e o futuro do Partido que estão em jogo. O Comité Central expôs ao Partido uma grave situação, apelou para a energia, a combatividade, o espírito criador, a devoção, a capacidade revolucionária de todo o Partido. Sob a direcção do Comité Central, o Partido no seu conjunto sabeá tomar nas suas mãos a resolução dos problemas postos e vencerá a resistência passiva, o espírito rotineiro e burocrático, e os hábitos de indisciplina pequeno-burguesa, que em alguns sectores e camaradas constituem o principal travão ao desenvolvimento do trabalho partidário.

A situação exige um esforço renovador dos quadros do Partido, a

(continua na pág. 2)

NEM UM SÓ PRESO POLÍTICO PARA FORA DO CONTINENTE

O decreto do governo fascista que estabelece as condições de envio de presos políticos portugueses para as colónias e de presos das colónias para as cadeias da Metrópole levantou já os primeiros protestos da opinião pública nacional e internacional.

A Conferência pela Amnistia que se realizou no Canadá, a Federação Sindical Mundial e outras organizações, bem como a imprensa democrática de vários países, incluindo o jornal do Partido Comunista Francês, «L'Humanité», testemunharam o seu repúdio contra as novas medidas do governo e protestaram com firmeza, exigindo a revogação do decreto.

Familiares e amigos dos presos expressaram já, também, a sua inquietação junto das autoridades fascistas.

Mas a luta necessita de tomar maior volume. A ameaça que está suspensa sobre os presos políticos e em particular sobre alguns dos mais destacados combatentes da Democracia, como Pires Jorge, Bláncio Teixeira, António Dias Lourenço, Oclávio Pato, capitão Verela Gomes, José Magro, Manuel Serra e outros, exige que se reforce a acção para que se evite a prática de novos crimes, como os que enchem a história do sinistro campo de concentração do Tarrafal.

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

(continuação da pág. 1)
mentado \$30. No entanto, já se vende arroz a 10\$00 e mesmo 10\$50.

Os grandes agrários e capitalistas que se encontram à frente da UCAL—a União das Cooperativas Leiteiras que possui o monopólio do abastecimento de leite a Lisboa montaram um golpe de teatro reduzindo o fornecimento daquele produto à capital em perto de 50 por cento, ao mesmo tempo que colocam abertamente como única solução a súbita do preço do leite.

Fala-se no aumento do pão para breve. O aumento da electricidade em Lisboa será um facto num futuro breve e no Porto, apesar do recente aumento de 25%, pelo pavlavreado que rodeou a assinatura do novo contrato entre a Câmara Municipal do Porto e as companhias fornecedoras de electricidade, é de prever um novo aumento

num futuro relativamente próximo. A Carris de Lisboa manobra para aumentar o preço dos transportes na capital. A C.P., sob o pretexto do pequeno aumento concedido recentemente aos ferroviários, não tardará a ser autorizada a aumentar o preço dos transportes por caminho de ferro. As rendas de casa sobem vertiginosamente em Lisboa e Porto e noutras cidades, do que resulta o custo da renda ir cada vez mais suplantando o rendimento familiar.

A política anti-nacional seguida pelo governo de Salazar, tanto interna como externa, agravará esta situação. A perspectiva para as massas trabalhadoras serão negras se não opuserem uma resistência cada vez mais activa, mais ampla e mais bem organizada contra a carestia da vida e por aumento geral de salários.

OS SALÁRIOS E ORDENADOS NÃO ACOMPANHAM O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Gritam os ministros salazaristas que os salários do proletariado industrial e agrícola aumentaram mais rapidamente do que o custo de vida. Eles falam descaradamente de salários «elevados» no campo. Fazendo-o, esses representantes ou lacaios bem pagos dos monopólios e do capital estrangeiro, não fazem mais do que especular com a miséria dos trabalhadores. À custa de uma luta dura e difícil, renovada todos os anos, os assalariados rurais em particular os do Alentejo e do Ribatejo, obtêm de facto jornadas mais altas durante o curto período das colheitas. Porém, os senhores ministros fingem esquecer que durante uma boa parte do ano e nalgumas regiões mulheres e homens ganham respectivamente salários de fome de 14\$00 a 18\$00 e de 18\$00 a 25\$00, e durante outra boa parte do ano não ganham nada—estoiram simplesmente de fome.

Nas estatísticas oficiais e nos relatórios dos grandes bancos e das grandes empresas a música é a mesma. Compreende-se que os grandes exploradores das massas trabalhadoras e o seu governo queiram convencer as suas vítimas de que tudo vai bem para elas e de que vivem no melhor dos mundos. Já não se compreenderia que o proletariado e as camadas laboriosas da cidade e do campo ouvissem passivamente a ária demagógica dos monopólios e do seu governo.

As estatísticas das massas trabalhadoras são mais realistas do que as oficiais, elas acusam números mais altos para os artigos de primeira necessidade e números mais

baixos no que respeita a salários e ordenados.

Nalgumas grandes empresas metalúrgicas, os salários são de 32\$00 a 37\$00 para os operários não qualificados e de 40\$00 a 50\$00 para operários qualificados. Mesmo nas construções navais, que exigem mão-de-obra qualificada, os salários de boa parte dos operários oscilam entre os 56\$00 e 75\$00 e só um ínfimo número de especializados ganham entre os 81\$00 e 91\$00.

Nalgumas fábricas de conserva de peixe as mulheres ganham entre 22\$00 e 32\$00, e os homens raramente ultrapassam os 40\$00:

Em certas regiões os cerâmicos não chegam a ganhar 30\$00 por dia. Estão ainda em vigor contratos colectivos de trabalho (mineiros, por exemplo,) com salários de 14\$00 a 20\$00 para os jovens dos 14 aos 18 anos, de 26\$00 a 32\$00 para os mineiros de superfície e de 29\$00 a 50\$00 para os mineiros do fundo.

O aumento dos ferroviários, de 12% a 33%, anunciado em grandes parangonas, não fez mais do que pôr ainda mais a claro a miséria dos salários. Os salários anteriores de 5 categorias eram respectivamente de 425\$00, 525\$00, 625\$00, 750\$00 e 900\$00 por mês! Depois do dito aumento o salário de milhares de ferroviários não atingiu os 2.000\$00 por mês. Em 30 escalas de salários, 12 ficaram abaixo daquela importância e só 10 ultrapassaram os 3.000\$00.

O chamado subsídio de custo de vida, o funcionalismo só teve valor substancial para uma ínfima

minoría, um pouco mais de 4.000, ou seja, 3% do total. Mais de 130.000 funcionários, como já foi assinalado no «AVANTE!», pouco mais receberam do que vinham recebendo até Setembro último, tão baixos eram os seus ordenados. O aumento na base de percentagens sobre ordenados tão díspares só favorece os altos funcionários. 23% sobre um ordenado de 700\$00 dá apenas 851\$00; já 16% sobre um ordenado de 11.000\$00 representa mais de dois ordenados para quem antes ganhava 700\$00!

A prática dos subsídios aplicada

nos anos de 40 e agora renovada, em vez do aumento de facto, permite ao governo e aos estabelecimentos dele dependente retirá-los quando entenderem, como sucedeu recentemente no Arsenal de Marinha, e ao mesmo tempo não contam para a reforma, previdência e abono de família.

É com salários e ordenados destes que os trabalhadores podem satisfazer as suas necessidades mínimas e enfrentar o custo de vida? De maneira nenhuma! Que fazer perante tal situação?

ORGANIZAR A LUTA POR AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

Alguns trabalhadores inexperientes ainda confiam na «boa vontade» e na «compreensão» dos patrões e do governo, assim como na acção de lacaios do patronato e serventários do governo (quando não da PIDE) anichados nas direcções dos sindicatos nacionais para melhorar a sua difícil situação económica e receiam lançar-se na luta pelas suas reivindicações de classe. Acreditar em alguém que não sejam os próprios trabalhadores para resolverem os seus próprios problemas, além de inexperiência é pura ingenuidade que sempre se paga cara.

Se os trabalhadores cruzarem os braços e esperarem dos seus próprios inimigos de classe qualquer solução, a sua difícil situação económica piorará ainda mais e a opressão exercida pelo patronato e o seu governo será ainda mais atroz. Nem o patronato, nem o governo cedem de vontade própria a mais pequena reivindicação da classe operária e das massas trabalhadoras. Ao contrário, os patrões estão sempre unidos contra a classe operária e restantes trabalhadores. A esta unidade do patronato deverão responder a classe operária e as massas trabalhadoras da cidade e do campo com a sua própria unidade, criando formas de organização legais, semi-legais e clandestinas, e organizando a luta à escala nacio-

nal por um aumento geral de salários, nas empresas, nos campos e nos sindicatos.

Aos operários comunistas, aos trabalhadores comunistas e simpatizantes, cabe o honroso papel de vanguarda na realização prática da unidade da classe operária e restantes trabalhadores da cidade e do campo, assim como na criação imediata de formas de organização aconselháveis para conduzir a luta da classe operária contra o capital e o seu governo. Aos comunistas cabe a tarefa de organizarem audaz e firmemente a luta do proletariado industrial e agrícola por aumento geral de salários e contra a carestia da vida.

(continua na pág. 4)



Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos, uma emissão especial; dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

UMA GRANDE BATALHA A TRAVAR

(continuação da pág. 1)
mobilização dos esforços dos militantes, a iniciativa dos organismos intermédios e de base. Há que pôr decididamente fim a uma espécie de monopólio de tudo resolver de que tem desfrutado o corpo de funcionários. A grave situação não pode apenas ser superada pela acção e iniciativa do Comité Central e dos funcionários do Partido. Todo o Partido deve participar na grande batalha de renovação e apuramento de métodos de actividade que permitam assegurar melhor a defesa, ligar mais estreitamente todo o Partido com a classe e as massas, dirigir com mais eficiência a luta popular. Para vencer as actuais dificuldades, é imprescindível a participação activa, firme, entusiástica, confiante, tanto dos militantes dos organismos de direcção, como dos militantes dos organismos interme-

diários e de base.

Que em todo o Partido se discutam as conclusões da reunião de Agosto do Comité Central e se tomem medidas correspondentes! Que em cada sector, guiando-se pela orientação geral do Partido traçada pelo Congresso e pelo Comité Central, na base do estudo da situação real e não na base de esquemas, em íntima ligação com os organismos superiores mas dando prova de larga iniciativa e audácia, se determinem os processos mais adequados de defesa, de organização, de mobilização de massas! Que o combate contra a indisciplina, contra o burocratismo e a rotina ganhe todas as organizações! Que todos os membros do Partido dêem a sua contribuição activa para vencer as dificuldades actuais!

A RECOLHA DE FUNDOS TAREFA CONSTANTE DO PARTIDO

A recolha de fundos para o Partido não é um aspecto accidental da sua actividade. É uma tarefa essencial e premente. Sem fundos não é possível a actividade diária do Partido. Não é possível a publicação da sua imprensa. Não é possível assegurar à classe operária a acção dirigente do Partido na condução das lutas

por melhores condições de vida, pela instauração da Democracia e do Socialismo. Sem fundos não é possível defender os militantes do Partido da repressão policial.

A recolha de fundos deve ser, uma tarefa constante dos militantes comunistas.

INSISTIR NA ACÇÃO—ELEVAR A LUTA

A UNIDADE DOS TRABALHADORES É CONDIÇÃO DA VITÓRIA

O governo fascista de Salazar desencadeou uma ofensiva contra os baixos salários dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo nega-se a satisfazer as reivindicações mais instantes da classe operária.

Os conserveiros aguardam há seis meses que lhes sejam aumentados os salários, após uma reunião dos representantes do grémio dos industriais de conservas, que acolheram favoravelmente esse pedido, no dizer da grande imprensa.

Os têxteis da indústria algodoeira estão submetidos aos regulamentos de um contrato colectivo provisório que sanciona salários de miséria, quando este importante sector da classe operária aspira a um aumento substancial dos seus salários.

Motoristas, metalúrgicos, mineiros, operários da indústria dos tabacos, dos telefones, construtores navais, caixeiros, empregados de escritório do Sul, empregados de mesa, operários dos Transportes Colectivos do Porto, enfermeiros e enfermeiras deparam com uma resistência reforçada do patronato e do fascismo à sua luta por aumento de salários, por melhores condições de trabalho e de assistência, por um

OS INDUSTRIAIS DA ROGA E OS CAMPONESES

Em Silves entrou em laboração uma grande empresa produtora de concentrado de tomate, na qual trabalham 400 operários e, onde os capitalistas portugueses investiram várias dezenas de milhares de escudos. A fábrica recebeu o nome de Roga, e a firma designa-se Indústria Transformadora de Produtos Agrícolas Limitada, que pensa exportar este ano 7 mil toneladas de concentrado de tomate.

Os camponeses da região foram interessados na cultura do tomate. A empresa forneceu os tomateiros de qualidade especial, e dispôs-se a comprar-lhes toda a produção. E o negócio começou. O tomate plantado pelos camponeses, tratado por estes, é pago pelos senhores da ROGA a \$50 o quilo. Do total é descontado o preço dos tomateiros (\$30 por cada pé) fornecidos aos agricultores e as caixas de tomate consideradas de refugo, que eles não pagam e mais \$400 pelo transporte de cada caixa. E há ainda outros descontos de que os próprios camponeses ignoram o significado.

Tarta-se, como se vê de um autêntico negócio montado por capitalistas sobre o esforço e a miséria dos camponeses. Deste modo a ROGA prosperará. E prosperará igualmente pagando baixos salários às operárias e operários que aí trabalham.

Mas a luta unida dos operários e camponeses contra os industriais da ROGA poderá pôr termo a uma infame exploração.

novo contrato colectivo.

Mas nestas condições é necessário insistir.

Uma vez lançada uma luta os trabalhadores não deve deter-se a meio caminho. É necessário persistir na acção, defrontar as diversas manobras do patronato, saber dar-lhe combate, não se deixar iludir com promessas, reagir às ameaças e à repressão com firmeza, coragem e confiança.

A unidade dos trabalhadores é uma condição de vitória. Unidos devem formular as suas reivindicações, concentrar-se diante da gerência e do sindicato, recorrer a pequenas e grandes paralisações.

OPERÁRIOS DA GARRIS DO PORTO COMO EM 1962 VALE A PENA LUTAR

A indignação cresce entre os operários dos Transportes Colectivos do Porto. A administração prepara-se para aumentar os preços dos bilhetes dos eléctricos e autocarros, mas continua a ignorar o pedido do pessoal sobre o aumento dos salários.

Subiram os salários dos trabalhadores da Carris de Lisboa. O desnível já existente tornou-se ainda maior. O custo de vida sofreu novo aumento.

As inscrições que aparecem nas paredes das instalações da Carris, convidando o pessoal à luta e à concentração no sindicato traduzem o descontentamento crescente.

Novas lutas são possíveis. Novas

OS TÊXTEIS E O CONTRATO COLECTIVO

Depois da insistência dos operários têxteis da Serra da Estrela junto do sindicato e nas empresas, para que sejam satisfeitas as suas reivindicações essenciais, incluindo o aumento de salário, as autoridades governamentais e o patronato estão elaborando um novo contrato colectivo.

Este facto assinala sem dúvida um resultado positivo da luta dos trabalhadores da têxtil de lanifícios.

Entretanto os trabalhadores da têxtil do algodão vivem ao abrigo de um contrato colectivo provisório, assinado pelo período de um ano, mas que conta bem mais que isso, sancionando baixos salários e situações insustentáveis.

Esta situação exige que os operários da indústria têxtil algodoeira sigam o exemplo dos seus companheiros da Serra da Estrela: mais concentrações no sindicato e na empresa, mais elevado espírito de luta.

A LUTA NOS SINDICATOS

Estamos no período preparatório das eleições nos sindicatos fascistas. De novo se vai repetir a luta entre a classe operária e os representantes do patronato e do fascismo. De novo estes procurarão utilizar o seu sistema de burlas e os processos de pressão e de intimidação. Não poucas vezes estes actos indignos têm provocado o abandono da sala por parte dos trabalhadores na altura em que se vai proceder às eleições. Daqui resulta que em vez de dirigentes escolhidos pelos operários surgem à frente dos sindicatos os mais servil lacaios dos patrões, verdadeiros servidores da PIDE. Lucram os trabalhadores com a eleição de tais indivíduos? Não, não lucram. Uma vez alcançados nos seus postos de direc-

ção com o apoio de cinco ou seis agentes do patronato presentes na assembleia, eles torpedeiam as reivindicações que lhes forem apresentadas, procuram iludir os trabalhadores, jogam com os mais variados processos, incluindo o apelo às forças repressivas, para impedir que as reclamações dos operários sejam satisfeitas.

Mas o mesmo não sucede se os trabalhadores fazem eleger para a direcção dos sindicatos companheiros de trabalho sérios e dedicados. Com o apoio e auxílio dos operários eles levarão por diante as reivindicações que lhes são apresentadas, lutarão também por elas.

Não é um tal facto possível? Sim ele é possível, como a experiência inúmeras vezes o tem comprovado. Para tanto é necessário organizar a acção com vista a uma larga participação dos trabalhadores e tendo em conta a resistência e as manobras do patronato e do fascismo. Não é voltando as costas às dificuldades e aos perigos que a classe operária faz triunfar as suas reivindicações.

O sindicato é um importante campo de acção legal. Apesar de estar sob o controle do Estado fascista pode servir de base de apoio à luta dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses, como a experiência o testemunha.

Por isso, apesar das manobras, das burlas, das formas de intimidação dos fascistas, a classe operária, deve esforçar-se por eleger para a direcção dos sindicatos, homens da sua confiança e em condições de servir os interesses dos trabalhadores.

lutas são necessárias.

Estão lá, guiando os eléctricos, conduzindo os autocarros, arrumando as carruagens, reparando-as, os valentes operários que em Fevereiro deste ano se manifestaram junto dos serviços da Previdência e na Rotunda da Boavista, lutando com a polícia, frente a frente.

Constitui a vossa comissão de unidade. Voltai à acção camaradas e amigos! Esse é o caminho! Não contieis em promessas!

o Programa do Partido e as massas trabalhadoras

O VI Congresso do P.C.P. aprovou o Programa do Partido. Mas não basta que o Programa tenha sido aprovado, que o Partido tenha um Programa. É necessário estudá-lo e divulgá-lo, de modo a que ele cumpra a sua função de documento fundamental sobre os objectivos políticos do Partido. É necessário que o Programa ganhe o apoio, a confiança da classe operária e das massas trabalhadoras, para que se transforme numa poderosa arma de luta contra o fascismo.

Como realizar esta tarefa? Como transformar o Programa do Partido no Programa da classe operária, no Programa dos trabalhadores?

Antes de tudo tornando-o um documento indispensável de estudo, de formação política de todo o Partido.

São as células do Partido, os comités locais, regionais e provinciais, são os organismos dirigentes do Partido que levam o Programa às massas. Se esses organismos estão convencidos do valor e importância política do Programa do

Partido, desenvolverão esforços, estudarão formas práticas de divulgar o Programa, de fazê-lo discutir pelos trabalhadores nas empresas, nos campos, de torná-lo um elemento essencial de propaganda entre a juventude, os intelectuais, os camponeses, entre as outras correntes democráticas.

Não basta a distribuição do Programa em larga escala. É condição indispensável para o seu êxito, que o Programa seja assimilado pelos trabalhadores, que eles sintam que «este é o seu Programa» e não um documento mais lançado pelo Partido.

Para que tal objectivo se concretize é indispensável trazer à discussão nos locais de trabalho, divulgar entre a classe operária os objectivos essenciais do Programa, explicar pacientemente e de forma clara o que querem os comunistas, quais são os objectivos essenciais da sua luta, as tarefas que se colocam aos trabalhadores para que se leve à prática o Programa do Partido, para que se realize a revolução democrática e nacional.

POLÍTICA FASCISTA E ACÇÃO DEMOCRÁTICA



(continuação da pág. 1)
colónias? O monopólio alemão Krupp domina as minas de ferro de Cassinga em Angola. Os americanos exploram o manganês e o ferro. Os capitalistas sul-africanos, fiéis aliados do colonialismo português, iniciaram as pesquisas para a exploração dos diamantes entre

Ambriz e Mocimedeas, no sul de Angola. O petróleo está nas mãos de grandes companhias americanas. As fanfarronadas fascistas sobre a defesa da integridade da Pátria não passam de palavreado oratório. Os nossos soldados morrem em defesa dos monopólios capitalistas e do imperialismo estrangeiro.

UMA PERIGOSA POLÍTICA EXTERNA DEFENDIDA POR SALAZAR

As críticas de Salazar aos Estados Unidos e Inglaterra, insertas na entrevista do «Figaro» actualizam mais os pontos de vista do ditador sobre a sua política externa. Descontentam-no certas atitudes que as potências capitalistas são forçadas a tomar na ONU, em relação ao colonialismo português, quando este se torna o alvo das mais justificadas críticas e de oportunas medidas. Desagrada-lhe que as potências da NATO não venham em seu socorro na guerra colonial, passando do fornecimento de armas e da ajuda financeira ao envio de forças armadas. A posição mais do que comprometedor do governo trabalhista inglês em relação à Rodésia e as medidas que foi forçado a tomar bloqueando aparentemente a entrada de petróleo naquele território, provocou um desacerto diplomático em Lisboa. Posição semelhante advém da atitude das grandes potências em relação ao comparsa do fascismo português, o governo ultra-reaccionário da África do Sul.

Salazar ambiciona desde há muito que a NATO seja um verdadeiro instrumento de guerra, pronto a agir contra os povos em luta e os países do campo socialista. Descontenta-o profundamente a crise actual da Aliança Atlântica e as perspectivas políticas que ele antevê no quadro europeu e mundial, tendentes a um desanuiamento da tensão internacional e à prática de uma política de coexistência pacífica, entre países com regimes sociais diferentes.

«A Aliança foi criada—afirmou ele ao «Figaro»—para evitar que

se multiplicassem os erros cometidos ou consentidos no começo do após guerra, quanto ao leste europeu.»

Não é de admirar que o discípulo de Hitler e seu activo colaborador lance os olhos para a Alemanha revanchista e dela faça o seu principal aliado na presente conjuntura. Os círculos militaristas de Bona, os representantes do nazismo, por detrás dos quais se perfilam os monopólios alemães, são hoje a melhor garantia da política externa salazarista, cheia de perigos e de ameaças, pejada de cedências de tipo vário, e devidamente concretizadas na existência da base aérea de Beja, onde já chegaram os primeiro contingentes militares e na penetração económica.

Na entrevista ao «Figaro» Salazar realça o significado do «Pacto Ibérico», ontem instrumento da política de guerra de Hitler, hoje zona de segurança do militarismo alemão e das potências imperialistas.

Para agrado destas intensificam-se os preparativos militares na Península e esteritam-se os encontros dos estados maiores de Espanha e Portugal.

Nos Açores não existe apenas a base americana das Lajes. Foi recentemente inaugurada na ilha das Flores a base militar francesa, destinada a exercícios balísticos e onde se encontra instalada uma estação de radar.

A política externa fascista mantém-se sob o quadrante das grandes potências capitalistas. É uma política de submissão ao imperialismo, de activo apoio aos seus mais sinistros desígnios.

A POLÍTICA ECONÓMICA DO FASCISMO

Se Salazar não fez qualquer referência na entrevista ao «Figaro» sobre a política económica do seu governo, a recente realização da Conferência dos países da Zona de Comércio Livre, em Lisboa, assinalou a crescente dependência económica do país em relação ao imperialismo estrangeiro.

A participação de Portugal na Zona de Comércio Livre (EFTA) sob a direcção da Inglaterra, não «abriu ao país um mercado de 100 milhões de pessoas» como o pretende fazer crer o ministro da economia. Essa participação tornou possível, antes de tudo, a penetração de mercadorias e de capitais dos países membros da Zona de Comércio Livre em escala ascendente na vida económica nacional, favoreceu a fusão dos monopólios portugueses com os monopólios estrangeiros para a exploração das nossas riquezas, para a utilização

da mão-de-obra barata com que os governantes salazaristas acenam aos capitalistas de outras nações.

Comprova o grau de dependência em que o país se encontra o nível da balança comercial de Portugal com os países membros da Zona de Comércio Livre. O saldo negativo que era de 1 milhão e 23 mil contos em 1964, atingiu 1 milhão e 94 mil contos em 1965.

Salazar e o seu governo, bem como os magnates da alta finança voltam agora os olhos para o Mercado Comum Europeu e dispõem-se a integrar Portugal neste poderoso bloco monopolista, acentuando o grau de dependência do país e abrindo ainda mais aos capitalistas estrangeiros as fontes de riqueza da Nação. O Mercado Comum possibilita-lhes poderosos recursos financeiros e um apoio político mais eficiente e de mais larga projecção.

O saldo negativo da balança comercial com os países do Mercado Comum é já hoje de 5 milhões 631 mil contos. No que se refere à Alemanha Ocidental esse saldo negativo monta a 2 milhões 900 mil con-

tos. A quanto montará no futuro? Salazar e o seu governo continuam elaborando «planos de fomento» que mais não são do que planos de protecção ao capital monopolista nacional e estrangeiro.

UM SÓ INIMIGO: O FASCISMO UM SÓ CAMINHO: A UNIDADE E A LUTA

Na entrevista ao «Figaro» Salazar foi bem claro quanto às possibilidades de uma solução política fora dos quadros do regime: «Seria preciso uma revolução para pôr ludo do avesso»—afirmou ele.

Na realidade só uma revolução poderá varrer o fascismo e instaurar a Democracia.

Torna-se difícil admitir uma solução pacífica, como certas correntes democráticas preconizam, quando se verifica, dia após dia, um reforçamento da política fascista, do aparelho de Estado e do sistema de repressão.

Os actos do governo e a realidade dos factos não nos permitem

concluir que a ditadura vai liberalizar-se.

O fascismo representa e defende o sistema capitalista na fase dos monopólios. Não se desaloja um tal sistema sem uma poderosa luta das massas populares e das forças democráticas, luta variada, impetuosa, conduzida no terreno legal e ilegal, passando de formas elementares a tipos superiores de acção, até que se transforme em vaga poderosa que conduza ao levantamento nacional, à insurreição armada.

As ilusões legalistas, os conceitos subjectivos desatentos da realidade (continua na pág. 5)

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA OS MONOPÓLIOS E O GOVERNO SÃO OS ÚNICOS RESPONSÁVEIS

(continuação da pág. 2)

Do monopólio corporativo da comercialização dos principais produtos agrícolas resultam preços ruinosos para os produtores e preços elevados para os consumidores. O que se passa com a fruta é simplesmente escandaloso. Os pequenos e médios camponeses ao enviarem a fruta para os intermediários encartados pela Junta Nacional das Frutas, nem sequer sabem se irão receber alguma coisa ou se ficarão em dívida por os encargos com a venda terem, no dizer de tais intermediários encartados, ultrapassado o valor da fruta! No inverno passado os produtores (pequenos e médios, claro está) tiveram de vender a laranja a \$80, 1\$00 e 1\$20 o quilo, mas o consumidor de Lisboa pagou a mesma laranja a 10\$00 e 15\$00 o quilo!

Com o peixe passa-se a mesma coisa. Mesmo quando o pescado desembarcado é vendido mais barato, o consumidor paga-o mais caro, como sucedeu em 1965. A diferença do preço entre o peixe desembarcado e aquele por que o consumidor o paga representa uma verdadeira especulação autorizada e fomentada pelas autoridades. Em 1964, o pescado desembarcado foi pago aos seguintes preços: sardinha a 3\$21; restantes espécies de peixe a 4\$30 e crustáceos a 51\$35. Apesar de os preços do pescado terem baixado em 1965, (sardinha a 2\$83 o quilo, restante peixe a 4\$35 e crustáceos a 43\$00), pagaram os consumidores o mesmo peixe a mais baixos preços? Que o digam as donas de casa.

DO DESCONTENTAMENTO A ACÇÃO

O descontentamento é latente por toda a parte contra a política económica do governo e dos monopólios e grandes agrários, e não podia ser de outra maneira. Está descontente a maioria do nosso povo contra a alta constante do custo de vida; estão descontentes os operários e as massas trabalhadoras da cidade e do campo e o funcionalismo público contra os baixíssimos salários e ordenados que ganham e contra as novas formas de exploração postas em prática nos últimos tempos especialmente pelas grandes empresas; estão descontentes os camponeses e os pequenos e médios industriais e comerciantes contra os pesados impostos que tombam sobre eles e contra a desenfreada especulação da organização corporativa e dos grandes industriais, armazémistas, agrários e banqueiros anichados na sua direcção.

O descontentamento é justo mas não basta. Se o justo descontentamento de todos não der lugar rapidamente à luta decidida de todos, à unidade de acção de todos contra as causas directas das dificuldades com que as massas laboriosas se debatem, isto é, contra o poder dos monopólios e o seu governo fascista, nada oblerão os descontentes, salvo maiores dificuldades.

Do actual regimo e do actual governo, as massas laboriosas nada têm a esperar de bom.

É condição indispensável para se resolverem os grandes problemas nacionais e para se melhorarem profundamente as condições de vida do povo português, o desaparecimento por meios revolucionários da ditadura fascista, a instauração de um regime verdadeiramente democrático, a criação de um governo democrático, que conte com a participação da classe operária, com o apoio activo das massas populares e leve até ao fim a revolução democrática e nacional.

Reforcemos a solidariedade AO POVO DO VIETNAM

Novos contingentes militares americanos descem no Vietnam. Quando em Manila o presidente Johnson concertava com os seus fantoches do Extremo Oriente o «novo plano de paz» para o Vietnam, o general Westmoreland, comandante supremo das tropas americanas naquele país exigia mais soldados, mais armas, mais bombardeiros, para impôr a «paz.»

Desde os famosos dias de Manila a escalada não cessou, as destruições não pararam sobre o Vietnam heróico. A botifarra americana quer calcar aos pés, esmagar com a bestialidade dos tiranos, o glorioso povo vietnamita e impôr-lhe a «paz» da escravidão imperialista.

Mas no Vietnam, os operários, os camponeses, as mulheres, a juventude, os intelectuais, escrevem páginas da mais gloriosa valentia, do mais profundo patriotismo na guerra de libertação contra os Estados Unidos, a mais poderosa potência capitalista. E vencerão. E esmagarão os seus lacaios. E expulsarão o invasor. Mas a paz do mundo está ameaçada. O Vietnam transformou-se no mais perigoso foco de guerra. Af, num curto instante se pode atear o mais violento conflito internacional. Os Estados Unidos, pela sua criminosa política, pela brutalidade da sua agressão, pelos seus actos de guerra, são a causa determinante das novas ameaças de um conflito mundial.

A luta do povo do Vietnam é também a nossa luta, porque é a luta de todos os povos contra a reacção e o imperialismo. Porque é luta pela defesa da paz.

Reforcemos a nossa solidariedade ao povo do Vietnam. É nosso imperioso dever.

Mais acções de protesto junto da embaixada dos Estados Unidos. Mais cartas, mais abaixo-assinados,

A LUTA CONTRA A GUERRA E O FASCISMO

Por motivo do aniversário da criação das «Brigadas Internacionais» em Espanha, reuniram-se recentemente em Praga os «voluntários checoslovacos» e os seus companheiros de luta de 14 países europeus. Afirmando que hoje, como há 30 anos, a luta contra a guerra e o fascismo é um problema do mundo inteiro, prometeram solenemente, ante a memória dos companheiros mortos, prosseguir insistentemente a luta.

Da moção aprovada, transcrevemos a parte final:

«A luta contra o fascismo está sempre viva e é necessária. Em Espanha como em Portugal, sofrem e morrem nas prisões patriotas honrados e milhares de emigrantes não podem regressar às suas Pátrias.

Exigimos a Amnistia total para os presos políticos em Espanha e Portugal.

Exigimos o regresso às suas Pátrias, sem represálias, de espanhóis e portugueses».

mais telefonemas, para que os representantes do imperialismo americano saibam que a classe operária e o povo português estão ao lado dos seus irmãos do Vietnam.

Mais poderosas acções de massas contra a agressão dos Estados Unidos.

Mais provas de solidariedade da nossa juventude aos corajosos jovens vietnamitas. Mais acções dos nossos intelectuais contra a guerra do Vietnam.

Salvemos a paz, lutando por ela.

O IX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA BÚLGARO

O Partido Comunista Búlgaro terminou os trabalhos do seu IX Congresso no dia 19 de Novembro.

Delegações de 62 partidos comunistas e operários incluindo uma delegação do Partido Comunista Português saudaram os congressistas, o Partido Comunista e o povo da Bulgária da tribuna do Congresso.

O camarada Jivkov, apresentou ao Congresso o relatório do Comité Central, no qual se faz uma análise circunstanciada dos progressos registados na construção do socialismo e das novas perspectivas para o avanço da edificação socialista e a melhoria incessante do bem estar do povo búlgaro.

(continuação da pág. 4)
nacional não podem levar a bom termo a luta dos democratas nem correspondem às aspirações do povo e às necessidades de acção conducente ao derrubamento da ditadura.

O fascismo é um inimigo impiedoso das forças democráticas. Não se combate com actos de transigência ou com cedências de princípios. Como é possível subscrever os pontos de vista políticos expressos no documento da Acção Democrato-Social, enviado a Salazar em Setembro último que tendem a demonstrar que a verdade dos democratas é complementar e não concorrente da verdade de Salazar, só se revestindo de carácter de oposita quando da parte dos democratas se registem lamentáveis erros de observação e raciocínio?

Tais conceitos não dignificam aqueles que os praticam ou os defendem, mesmo quando contem com um passado de luta contra a ditadura. Não se podem conciliar as verdades do inimigo com os altos ideais que animam os combatentes da Democracia.

A experiência ensina aos democratas a lição dos factos. Vencemos o fascismo aguardando que ele nos conceda a liberdade de nos organizarmos e de actuarmos?

O fascismo só será batido pela luta das massas populares, com a classe operária na vanguarda; pela luta unida de partidos, agrupamen-

Conversações entre o Partido Comunista Português e os partidos comunistas da União Soviética e da Roménia

Uma delegação do Partido Comunista Português, composta pelos camaradas Álvaro Cunhal, secretário geral do Partido e Manuel Rodrigues da Silva, membro do Secretariado do Comité Central, foram convidados a assistir às comemorações do 49º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro e ao desfile da Praça Ver-

melha, pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética.

A delegação portuguesa foi recebida no Comité Central pelo camarada Pomonariev, secretário do Comité Central do P.C.U.S., com quem mantiveram conversações sobre problemas que interessam os dois partidos. As conversações decorreram num ambiente fraterno, de recíproca compreensão, que exprime os laços de solidariedade, de camaradagem e de boas relações que unem desde há muito os dois partidos irmãos.

Posteriormente, o camarada Álvaro Cunhal deslocou-se à Roménia, onde foi recebido pelo camarada Nicolau Ceausescu, secretário geral do Partido Comunista Romeno e por outros dirigentes. A entrevista desenrolou-se num ambiente de franca camaradagem.

No final das conversações o camarada Ceausescu ofereceu um almoço ao camarada Álvaro Cunhal, que decorreu numa atmosfera de fraterno convívio.

OIÇA RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente das 19,30 às 20 horas e das 20,30 às 21 nas bandas de 24, 31 e 39 metros.

UM SÓ INIMIGO O FASCISMO um só caminho a unidade e a luta

tos, correntes e personalidades democráticas. Mas não se empreende uma tal tarefa quando se renuncia aos «métodos revolucionários», quando se teme a luta insurreccional, a participação da classe operária e das massas populares no combate contra o fascismo. Tais conceitos conduzem a posições legalistas e à inacção, não se enquadram na realidade política nacional.

A classe operária é a força mais combativa, mais bem organizada, disposta aos maiores sacrifícios. Desde há muito que se encontra nas primeiras filas na luta contra o fascismo. Não é possível bater a ditadura e construir a Democracia sem que a classe operária seja chamada a desempenhar a sua missão histórica de força fundamental da luta.

A unidade da classe operária, a sua aliança com os camponeses, que se está forjando em cada dia de uma luta comum, condicionam a unidade e a luta das forças democráticas, a unidade e a luta das outras camadas sociais que se opõem à ditadura.

Comunistas, socialistas, católicos, liberais, democratas e patriotas sem filiação partidária consideram o fascismo o seu inimigo comum. É contra ele que se deve assentar todo o vigor da nossa acção, até que consigamos derrotá-lo e haver-mos de conseguí-lo. Mas não se empreende uma tal tarefa levantando a esfarrapada bandeira do

anti-comunismo. A unidade, a organização e a luta são as armas decisivas da vitória.

Há um único movimento unitário organizado: a Frente Patriótica de Libertação Nacional, cuja actividade e devotamento honram o combate pela Democracia. A F.P.L.N. é uma força válida da luta anti-fascista, embora não englobe no seu seio, no interior do país, todas as correntes, partidos e agrupamentos que se opõem à ditadura.

A busca de uma plataforma de entendimento é hoje um imperativo inadiável, sem o qual não é possível o desenvolvimento da luta democrática. A unificação de esforços, a criação de organismos unitários que coordenem as acções conjuntas surgem como tarefas imediatas a realizar. Se as não realizamos, retardaremos o desenvolvimento da luta contra o fascismo e a vitória final.

O Partido Comunista Português não pretende impôr às outras forças democráticas os seus princípios políticos e as suas formas tácticas. Pretende criar com as restantes correntes anti-fascistas, numa base de lealdade mútua, as condições para o estabelecimento da Unidade da organização e da luta contra a ditadura fascista.

A criação de tais condições darão um impulso decisivo à luta democrática, à mobilização popular e nacional, apressarão a hora do sucesso definitivo sobre o fascismo opressor.

NOVO ACTO DE SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL AOS PRESOS POLÍTICOS PORTUGUESES

Realizou-se no Canadá uma Conferência pela Amnistia

Na cidade de Toronto, no Canadá, teve lugar a Conferência pela Amnistia aos presos políticos portugueses, promovida por destacadas personalidades da vida política, científica, cultural e religiosa do Canadá.

Durante três dias, cerca de 400 convidados e outras individualidades representativas do Brasil, Uruguai, Venezuela e de outros países da América Latina participaram activamente nos trabalhos, escutaram as intervenções de uma delegação de parlamentares canadianos que se deslocou ao nosso país e nele colheu dados verídicos sobre a situação dos presos políticos e o ambiente repressivo que se vive em Portugal. Dois representantes da Frente Patriótica de Libertação Nacional, Pedro Ramos de Almeida e Rui Cabeçadas ilucidaram os participan-

tes sobre a situação política nacional e detiveram-se em particular sobre os métodos de terror, as torturas, as longas incomunicabilidades, e os longos anos de prisão, acompanhados da prática revoltante das medidas de segurança, a que se encontram submetidos os patriotas detidos.

Os delegados à Conferência puderam ser largamente informados dos crimes, dos processos policiais de uso corrente, da legislação fascista, que permite a prática das mais revoltantes violências.

Foram tomadas importantes resoluções no final dos trabalhos, entre elas uma saudação aos presos políticos, de expressivo significado, um telegrama de protesto ao presidente da República, no qual se requer a Amnistia, um outro de condenação da guerra colonial.

A Conferência redigiu um apelo à opinião pública canadiana e da América Latina, para que apoie a

luta pela libertação de todos os presos políticos.

Foram recebidas inúmeras mensagens de apoio de partidos políticos, organizações sindicais, representantes de actividades culturais científicas e religiosas do Canadá, Brasil, Uruguai, Venezuela, França, Itália, Bélgica, Inglaterra, Holanda e Dinamarca.

Telegrama enviado à Conferência

Democratas portugueses residentes em Paris saudam calorosamente a iniciativa da realização da Conferência Canadiana pela Amnistia aos presos políticos portugueses. Confiam no seu pleno êxito que servirá de ajuda e estímulo ao combate comum contra o agravamento da repressão, as «medidas de segurança», a deportação para os campos de concentração e por uma amnistia total.

Este telegrama foi assinado por mais de três centenas de democratas portugueses entre os quais o físico Manuel Valadares, a escritora Maria Lamas, escritor Jorge Reis, o professor Magalhães Vilhena, o economista Ramos da Costa, o Dr. Silas Cerqueira, o jornalista Veiga Pereira, o professor Eleutério Gervásio, o engenheiro Fernando Morgado, os estudantes João Bento, Humberto Lucas, os empregados Vítor Carvalho e Campos Lima, os operários Francisco Mendes, Carlos Bernardes, Francelina Mendes, Eulália Cruz e Fernando Matos.

VIGOROSOS PROTESTOS CONTRA A PRISÃO DE DEMOCRATAS

A polícia salazarista é um dos mais prepotentes escudos do regime, por detrás do qual se possibilitam os criminosos atentados contra o direito de pensar e de agir dos democratas e patriotas que se opõem à ditadura fascista.

No Porto foram presos recentemente pela PIDE vários democratas, entre os quais figuram os doutores Mário Cal Brandão e J. Roseira. Em Coimbra a polícia deteve o Dr. Albano Cunha, conhecido advogado daquela cidade.

Em Lisboa a vaga policial atingiu um grupo de personalidades católicas que se encontram em oposição ao regime. Entre os detidos figura o Dr. Francisco de Sousa Tavares.

Combatentes da Democracia, os anti-fascistas presos merecem a solidariedade activa de todos os que batalham pela instauração da Li-

berdade e dos princípios democráticos na nossa Pátria.

Em torno da sua detenção forjamos um amplo movimento de protesto, que reforce e a largue a unidade, conduza à sua imediata libertação, reforce a luta comum contra a repressão salazarista e pela Amnistia a todos os presos políticos.

ROGÉRIO DE CARVALHO E VEIGA DE OLIVEIRA DEFENDEM COM HONRA O SEU PARTIDO

Os verdadeiros comunistas, que dedicaram a sua vida à luta pela mais nobre e justa causa, não cessam o seu combate, não traem os seus ideais e dispõem-se a sacrificar por eles a própria vida, quando caem nas mãos do inimigo.

Rogério de Carvalho e Veiga de Oliveira são dois exemplos magníficos desta firmeza revolucionária. Suportando heróicamente as selváticas torturas da PIDE, não traíram a confiança que neles depositavam o seu Partido e a classe operária.

Preso pela terceira vez não mês de Dezembro de 1965, também pela terceira vez Rogério de Carvalho reduziu à impotência os monstruosos «métodos» da polícia salazarista. A tortura do sono, os dias de «estátua», os espancamentos, as «pressões psicológicas», os «segredos» das casamatas de Caxias, não conseguiram abalar-lhe a coragem e a confiança na vitória da causa da democracia, da paz e do socialismo.

Perante o tribunal fascista, onde denunciou a odiosa e anti-humana tortura do sono, que o assassino

profissional e sub-director da Pide, Sachetti, classificou de «novo record», o engenheiro Veiga de Oliveira responsabilizou por tais suplicios não só o bando da PIDE, mas todas as autoridades hierárquicamente superiores, e o governo fascista de Salazar em primeiro lugar.

37 dias de tortura, com longos períodos sem dormir nem deitar-se: 17 dias e noites consecutivos de uma vez, 2 períodos de «estátua» de 5 e 7 dias de outra vez, acompanhados de espancamentos e de ameaças de morte—nada conseguiu vergar a inabalável determinação do nosso camarada Veiga de Oliveira.

Corajosamente, na contestação à nota de culpa enviada por Rogério de Carvalho ao tribunal, e na defesa feita por Veiga de Oliveira em pleno tribunal, como revolucionários consequentes, reafirmaram a sua firme decisão de prosseguirem a luta, dirigida pelo P.C.P., pela libertação do povo português do jugo fascista, pela democracia, pela paz e pelo socialismo.

CAMPANHA DO NATAL DOS PRESOS POLÍTICOS

Os presos políticos são alvo de uma atenção particular. A sua saúde, as suas vidas encontram-se à mercê dos mais impiedosos inimigos.

Estamos em vésperas de Natal. O quadro da vida dos presos não se alterou. É difícil esboçar o drama do Natal para muitas famílias portuguesas, cujos membros foram lançados nos cárceres.

Nesta quadra festiva dirigimos a todos os homens e mulheres de Portugal um sentido e vibrante apelo:

Auxiliai de modo particular os presos políticos!

Defendei-os do terror fascista, exigindo para eles um tratamento humano, condenando a prática da tortura, os longos anos de prisão, as «medidas de segurança», um tratamento clínico eficiente para os que se encontram doentes.

Reclamai a libertação de Sofia Ferreira, Aboim Inglês, Augustio Lindolfo, Sena Lopes, José Bernardino, Natália David, Albina Fernandes e todos os presos que completaram as suas penas.

Auxiliai-os economicamente, fazendo-lhes chegar uma modesta lembrança. Nas fábricas, nas escolas, nos bairros populares procedei a colectas de fundos, a recolha de géneros, de roupas, de agasalhos, para os presos políticos e suas famílias.

Milhares de gestos solidários, milhares de esforços conjugados tornarão menos difíceis os longos dias de prisão.

Milhares de vozes que protestam, que reclamam Amnistia apressam a hora da libertação de muitos combatentes anti-fascistas.

ACTO COMEMORATIVO DO 5 DE OUTUBRO NO BRASIL

No dia 5 de Outubro os democratas portugueses de S. Paulo e várias individualidades brasileiras reuniram-se num jantar de confraternização para comemorar o dia 5 de Outubro.

Os democratas presentes aprovaram um documento, sugerindo «aos responsáveis pela luta anti-fascista em Portugal, a realização de uma Conferência em que se achem representadas todas as correntes que batalham pela democracia e independência do nosso país.»

Foi igualmente aprovado por aclamação um outro documento, em que se saudava e se salienta o comportamento exemplar do camarada Veiga de Oliveira.

TELEGRAMA DA F.S. MUNDIAL CONTRA AS DEPORTAÇÕES

Ao Presidente da República Portuguesa:

Tendo conhecimento do recente decreto do vosso governo autorizando a deportação para as colónias, de prisioneiros políticos portugueses, entre os quais se encontram dirigentes sindicais e trabalhadores presos pela defesa justa e legítima dos interesses da classe operária—a Federação Sindical Mundial manifesta o seu enérgico protesto e exige insistentemente a anulação desta disposição que visa o restabelecimento dos campos de concentração de sinistra memória.

a) O secretariado
da Federação Sindical Mundial
12 de Outubro de 1966